

# Fuga

*Marisa Flório Cesar*

O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.

João Cabral de Melo Neto  
Fábula de um arquiteto

Há uma sombra que o iluminado ideal de Le Corbusier deseja banir. Uma assepsia a querer expulsar o acaso e o arbitrário. Um delírio a ordenar à asfixia o horizonte. Uma fuga a projetar um futuro comum e redentor a toda Humanidade.

Por isso o edifício sobre pilotis, trama suspensa no ar, tem horror ao plano da terra. A transparência do invólucro de vidro sonha que a luz o invada, anule a opacidade do sem sentido, reconcilie os contrários, o dentro e o fora, o alto e o baixo, na perigosa ilusão de um supremo controle sobre os acidentes e as singularidades. O espaço é a extensão ilimitada, a entidade absoluta que a tudo atravessa: ao vazio da indefinição, substituiria o receptáculo primordial e abstrato onde o fato arquitetônico não seria mais que um tênue limite. Ao homem-tipo em um universo-tipo, prometia-se o acesso irrestrito, a fruição total. Uma promessa a um só tempo acolhedora e totalitária, arrogante e aterrorizada.

Fuga intitula a instalação de Ana Holck para o edifício do MEC, a primeira expressão dos postulados corbusianos no país. São películas de adesivo translúcido em tons de cinza sobre a pele vítrea do corpo arquitetônico, que se superpõem e se alteram ao movimento aleatório e incerto de abertura das janelas. Não a janela abrindo-se sobre o mundo na idealização, como sonhou um dia a pintura. A fuga aqui não é a evasão do arbitrário do mundo, de um caos que o governa, para abrigar-se no colo abstrato de um espaço transcendente, de um logos no centro do mundo, de um olho ou de um plano no centro do quadro. Fuga é a quebra da longa linha do tempo do Horizonte previsível da História, o desvio da ficção do Mesmo. Fuga como polifonia, como repetição e eterna diferenciação, para fazer irradiar as linhas, os tons, as superfícies. Para multiplicar as peles, os contatos no espaço, os espaços de contato. Para indagar os destinos e a consistência desse homem e deste mundo por onde ele se move sem referências seguras... Fuga como descobrir mundos, (ar)riscar outros horizontes. Fuga como abrir outras janelas. E portas.